

Safar-se com a loucura

Entrevista com Paula Pimenta

Marcus André Vieira



Referência:

VIEIRA, M. A. Safar-se com a loucura. Almanaque do IPPSMG, on-line, Minas Gerais, ano 4, n. 7, 2010. Disponível em: <<http://www.institutopsicanalise-mg.com.br/psicanalise/almanaque/07/textos/MarcusAndre.pdf>>. Acesso em [\(ao referir-se a este texto coloque aqui a data de acesso\)](#).

O tema do V ENAPOL — *A saúde para todos não sem a loucura de cada um* —, a se realizar em junho próximo, enfatiza o singular dentro do universal. Por sua vez, o título do PIPOL V, que acontecerá posteriormente, no mês de julho — *A saúde mental existe?* — questiona a universalidade de uma proposição. Como você vê a relação entre os dois temas?

Há, a meu ver, duas diferenças de peso com relação ao contexto em que os dois eventos se inserem (falo pelo que sei do Brasil, mas suponho que em boa parte possa estendê-las a nossos vizinhos das américas).

A primeira é que o sintagma “saúde mental” tem, para nós, uma delimitação mais específica. Denota um campo que tem origens na luta antimanicomial e que, apesar de flertar às vezes com a negação do real da loucura, não tem como significantes-mestres as estatísticas ou o organicismo dos laboratórios, que na Europa também podem ser acessados a partir da noção de saúde mental. Sua inspiração fundamental humanista e basagliana não é contraditória com o discurso analítico tal como o misticismo da avaliação é. Por isso optamos por abrir o leque. Até porque o psicanalista tem sido chamado a intervir não apenas na apresentação “biopsicossocial” do mental, mas também nas questões “psi” nas escolas e na justiça.

A segunda diz respeito à precariedade dos universais em nosso meio. Veja o SUS. Nosso universal maior da saúde é tido como sinônimo de horror. Sem ele, porém, estaríamos exclusivamente nas mãos da medicina privada e dos seguros de saúde com um mundo de excluídos. A história do americano que teve de escolher de qual dedo desistir por falta de dinheiro para pagar o replante dos dois perdidos me vem logo à lembrança. Nesse contexto, colocar em questão a ideia de uma “saúde para todos” pode contribuir a precariedade que só faz bem à saúde dos bancos. Para não correr este risco o Enapol não questiona, ao contrário, reafirma o universal da saúde, vai além, subscreve seu *paratodos* a ponto de multiplicá-lo em vários campos com seus eixos temáticos. Mas exige, não sem ironia, que ele seja descompletado pela loucura de cada um.

A presença de psicanalistas nas instituições evidencia um paradoxo, seja do lado da política social, em que a prática de inclusão segrega muitos para alcançar o “para todos”, seja do lado da psicanálise, em que a ética do “cada um” desconstrói o ideal universal. Como demonstrar a diferença da ética da psicanálise e atestar a presença do inconsciente em uma prática nessas instituições orientadas pelo ideal da administração e distribuição do bem para todos?

É bem verdade que a interpretação analítica tem como um de seus efeitos uma fragilização das identificações, um efeito imediato de “antitotalização”. Não há, porém, nada em uma análise que leve o psicanalista a se erigir como o campeão do singular *contra* os universais. Não trabalhamos no estilo “há governo, sou contra”, mas sim no de delimitar qual universal está em ação, qual o singular

que o sustenta e como os dois se combinam. Em, uma análise o universal está no campo do ego, que vai sofrer um bocado com tudo o que lhe aparece vindo do inconsciente. Tudo terá que se rearranjar inúmeras vezes até que uma fração irreduzível de gozo encontre lugar em uma conformação egoica que não lhe seja incompatível. Isso não se atinge sem que se torne possível, do ponto do ego, um tanto de ironia com a própria imagem de si, um tanto de debilidade consentida, para retomar um tema que Henri enfatiza com relação à loucura deslocizada. Haverá paralelo entre esse contexto e aqueles em que o psicanalista é chamado a atuar na cidade? Como manter essa orientação nesses casos? É o que vamos examinar nas inúmeras situações clínicas no Encontro.

De que forma entender a afirmação de que se deve investir o campo político para salvar a clínica¹? A defesa do direito de cidadania da psicanálise e do sujeito do inconsciente, sem que se responda à demanda do mestre contemporâneo, foi um assunto tratado na *Entrevista* do Almanaque On-line n.6. Isso lhe parece possível de acontecer?

Fui conferir a entrevista com Barreto. Entendo que ele marca uma tensão ineliminável entre o analista e o universal em qualquer instituição, o que não significa, como disse, que seu trabalho é “furar” o universal. Há que considerar, no entanto, em cada contexto, com que Outro estamos lidando. Quando Gil Caroz fala, seguindo várias indicações de J. A. Miller desde a luta contra a lei Accoyer na França, em *salvar a clínica*, o Outro dessa afirmação já não é mais o das instituições clássicas, mas outro. É o Outro que Barreto situa com o termo globalização, o de uma saúde definida em parâmetros puramente quantificados que não é mais do ideal, mas sim do supereu. Ele não exige o Bem, mas mais e mais produção. Diante desse Outro a interpretação muitas vezes é impossível, até porque não há ninguém a ser interpretado, só um “sistema” despersonalizado. Ouvi de um colega que no ambulatório em que trabalhava, no sistema de saúde inglês, extremamente burocratizado, que a cada final de sessão ele e o paciente tinham que preencher um questionário de avaliação. Os dados desse questionário são imediatamente processados e dessa forma o administrador tem em tempo real o estado de satisfação de seus clientes. Quando os números de um terapeuta caem ele deve se submeter a “x” sessões de supervisão compulsória. Esse é o Outro que temos muitas vezes diante de nós.

Em seu texto *A salvação pelos dejetos*², Miller diferencia o gozo como resto inassimilável da loucura que estrutura aquele que, elevado ao nível da Coisa, é passível de se integrar ao laço social, ao circuito das trocas. Os seis eixos de trabalho propostos para o V ENAPOL parecem seguir as diretrizes contidas nesse texto — a primazia do discurso do mestre no mundo contemporâneo, o que dele se recolhe como resto, os efeitos a ele contrários advindos das formações do inconsciente, o Outro mau da paranoia, a loucura estruturante e os artifícios de socialização encontrados pelos sujeitos. Esse gozo do Um estaria contemplado por algum desses eixos de investigação?

O Enapol estabelece algumas tensões. Um primeiro polo é formado pelo múltiplo de seus eixos. São seis: a saúde mental, a educação e o direito formam um leque, cobrindo aquilo que nos habituamos a chamar de psicanálise nas instituições. A segunda trinca é menos conhecida: a epidemia da avaliação, que aponta para o lugar da ciência e de suas emulações entre nós; a arte e seus objetos e finalmente uma proposta de retomada da psicopatologia da vida cotidiana hoje. O horizonte parece ter a vastidão das Américas. Outro polo contrapõe a essa multiplicidade estonteante um tema geral: a loucura de cada um. Mas, como em nossa prática, as coisas nunca são tão simples. É que a

loucura de cada um é tudo menos um universal. Façamos a correlação: a loucura de cada um é, aqui, o que costumamos chamar de *sinthoma* - o sintoma no que ele se apresenta como um osso de gozo, irreduzível, exatamente isso a que você se refere em sua pergunta. As coisas, então, se invertem. Os eixos não são o múltiplo do Encontro. Diante da enorme multiplicidade singular da loucura de cada um, os eixos são temas gerais, que dividem o Outro de nossos dias em seis campos, mas que, mesmo assim são temas gerais. Por isso, na tarde de sábado nos dividiremos em seis salas, uma sala para cada eixo e a cada situação veremos como o *sinthoma* de cada um pode, ali, ganhar lugar. Então a resposta é que o irreduzível da loucura não é contemplado especificamente em um dos seis eixos porque esperamos que ele se apresente em cada um deles.

A proposta do V ENAPOL será trabalhada pelo IPSM-MG neste semestre, por meio de um recorte temático: "A psicanálise e a loucura deslocalizada". Como entender a loucura deslocalizada em relação à dimensão do gozo que escreve o próprio sujeito?

A apresentação na Agenda está muito precisa. Destaco a seguinte passagem: "A loucura de cada um exige, muitas vezes, um espaço de exceção e uma lógica singular de abordagem. Tal realidade cobra da psicanálise a invenção de dispositivos que lhe permitam fazer valer sua ética, seu discurso, nos diversos espaços em que se faz presente.". Entendo que, diante deste Outro da burocracia generalizada, somos instados, por um lado, a agir mais do que antes no plano político, como você lembrou bem e, ao mesmo tempo, a inventar no plano da clínica, como enfatiza Henri. Um não vai sem o outro. A pergunta que se coloca então é "como"? Aproximar o "paratodos" da quantificação burocratizada do supereu é um primeiro passo, outro poderia ser o de eleger como baliza conceitual a noção de *nãotodo*. Temos tendência a pensá-la como "do bem". É quando a usamos como "nemtodo", como um todo a quem faltaria alguma coisa. Mas, ao contrário, o *nãotodo* não é um todo mutilado, furado, mas o de um gozo que não é todo porque não se totaliza, não sustenta um Outro inteiro, é o gozo no registro do Outro que não existe, um gozo *desintegral*, líquido. Não é bom, nem mau, mas sempre é sem limites. Pode ser fundamental, como quando falamos do gozo feminino, mas é ao mesmo tempo terrível porque, como o "sistema", está em todo lugar e em parte alguma. Nossa ferramenta para lidar com ele é a delimitação (será invenção?) de um *sinthoma*, uma localização deste gozo por meio artesanal, às vezes sofrida. É o que realiza uma análise, mas não apenas. Em nosso texto de base, a "Salvação pelos dejetos", Miller dá ênfase à multiplicidade do trabalho do analista com os dejetos do psíquico. A meu ver, ganharíamos, na preparação do Encontro, associando sua leitura à de outro texto, "A ex-sistência", em que Miller situa conceitualmente o lugar ocupado pelo real em nossa clínica.³ O *sinthoma* nunca consiste, apenas ex-siste. Por isso mesmo não garante remissão de nada, nem mesmo mudanças contabilizáveis. Não nos curamos dele, mas às vezes com ele nos salvamos, nos safamos, de nossas embrulhadas.

1 CAROZ, Gil. *Pipol News 0*, de 02/04/2010.

<http://www.europsychoanalysis.eu/site/page/fr/7/fr/bulletin/#article-box-9>.

2 MILLER, J.-A., A salvação pelos dejetos. http://www.ebp.org.br/enapol/09/pt/textos_online/jam.pdf.

3 Cf. Miller, J. A. "A ex-sistência", *Opção laciana* vol.33, São Paulo, 2002, pp. 8-21.

Números anteriores

Editorial

Paula Pimenta

Almanaque On-line, Ano 4 - no 7, traz em suas rubricas textos produzidos em decorrência dos trabalhos do 2º semestre de 2010, no âmbito do IPSM-MG, bem como outros que se propõem orientadores dos temas a serem trabalhados no 1º semestre de 2011.

O IX Congresso dos membros da EBP, que acontecerá em abril de 2011, na cidade de Tiradentes, terá seus trabalhos se dedicando à discussão sobre *Os limites do simbólico na experiência psicanalítica hoje*. A seguir, em junho, terá lugar o V ENAPOL, cujo título — *A saúde para todos não sem a loucura de cada um* — orientou o recorte temático, proposto pela Seção Clínica do IPSM-MG, para nossos trabalhos do 1º semestre de 2011: *A psicanálise e a loucura deslocalizada*.

Iniciamos o *Almanaque On-line* no 7 com a tradução do texto de nossa colega da EOL, *Silvia Ons*, que faz considerações sobre o simbólico no século XXI. O título de seu texto remete-nos diretamente ao do VIII Congresso da Associação Mundial de Psicanálise, *A ordem simbólica no século XXI*. Não é mais o que era. Que consequências para a cura?, a ocorrer em abril de 2012, em Buenos Aires, não deixando, contudo, de contemplar também nosso IX Congresso da EBP. Confira-o em *Trilhamento*.

Incurião traz o texto de *Luciola Macedo*, que discorre sobre o que pode dizer a psicanálise a respeito do dispositivo jurídico do Depoimento sem Dano, uma vez que a procura de uma "verdade real" por meio das lembranças do sujeito agredido vai de encontro à concepção psicanalítica da verdade como tendo uma estrutura de ficção. *Henri Kaufmann*, por sua vez, também se remete ao tema da verdade, mas para se referir ao desamparo atual dos sujeitos diante da inexistência do Outro regulador, que modulava verdade e mentira. Tal desamparo traz como consequência a busca de uma moral como tentativa de controlar o real, na qual se sustenta o imperativo da abstinência, no mundo moderno.

A *Entrevista* deste *Almanaque On-line* no 7 foi realizada com o Diretor Executivo pela EBP do V ENAPOL, nosso colega do Rio de Janeiro, *Marcus André Vieira*, e apresenta o intrigante título — *Safar-se com a loucura* —, em uma referência direta ao cerne da proposta temática do V ENAPOL.

Encontros se dedicou ao aprofundamento do tema do declínio do simbólico nos dias atuais, trazendo a discussão de seus efeitos sobre a criança. Os textos de *Maria Rita Guimarães* e de *Suzana Barroso*, apresentados na 4ª Conversação Clínica do IPSM-MG, em outubro de 2010, elucidam-nos sobre a "criança generalizada" em sua tendente objetualização, em que pesem a complexidade do discurso da ciência e do capitalismo, por meio de suas políticas públicas.

Em *De uma nova geração*, *Renata Lucindo Mendonça* permite-se conduzir as interrelações existentes entre a castração, com sua finitude temporal, e o inconsciente, atemporal. Para tanto, relaciona a temporalidade com as estruturas clínicas, considerando seu manejo na condução de análise de cada uma.

Desejamos a todos uma proveitosa leitura!

... nesta edição

Trilhamento

Artigos, resenhas e textos

 Sobre a Ordem Simbólica no Século XXI - *Silvia Ons*
 arquivo em PDF

Incurião

Textos teóricos e clínicos

 A inquirição da criança e do adolescente no âmbito do judiciário: notas sobre a violência, o sexual e o testemunho - *Luciola Macedo*
 arquivo em PDF

 A abstinência não existe - *Henri Kaufmann*
 arquivo em PDF

Entrevista

Contribuição sobre o tema

 Safar-se com a loucura - *Marcus André Vieira*
 arquivo em PDF

Encontros

Contribuições teóricas e clínicas sobre o tema

 A psicanálise na era da criança generalizada - *Maria Rita Guimarães*
 arquivo em PDF

 A criança, de Freud a Lacan: do ideal ao objeto - *Suzana Barroso*
 arquivo em PDF

De uma nova geração

Produções dos alunos

 A castração e o tempo - *Renata Lucindo Mendonça*
 arquivo em PDF